

# UNIÃO SOVIÉTICA

origem e queda



### **Conselho Editorial da Editora Livraria da Física**

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

Angelo Segrillo

# UNIÃO SOVIÉTICA

origem e queda

Série | Saber  
& Crítica 3



2025

Copyright © Angelo Segrillo  
1ª Edição

Direção editorial: Victor Pereira Marinho e José Roberto Marinho

**Capa:** Fabrício Ribeiro

**Projeto gráfico e diagramação:** Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Segrillo, Angelo  
União Soviética: origem e queda / Angelo Segrillo. – São Paulo:  
LF Editorial, 2025. – (Série saber & críticas; 3)

Bibliografia  
ISBN 978-65-5563-610-9

1. União Soviética - História 2. União Soviética - Política e governo I. Título. II. Série.

25-279443

CDD-520.531

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. União Soviética: História 320.531

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9580

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida  
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107  
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



EDITORIAL

Editora Livraria da Física  
[www.livrariadafisica.com.br](http://www.livrariadafisica.com.br)  
[www.lfeditorial.com.br](http://www.lfeditorial.com.br)

# Sumário

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| Introdução .....                              | 7  |
| Capítulo 1 .....                              | 19 |
| Capítulo 2 .....                              | 34 |
| Capítulo 3 .....                              | 42 |
| Conclusão .....                               | 77 |
| Bibliografia e sugestões bibliográficas ..... | 83 |
| Anexo de Tabelas .....                        | 87 |
| Sobre o autor .....                           | 91 |



# Introdução

A queda do Império Russo capitalista e o início do estabelecimento de um país de socialismo soviético em 1917 foi um marco histórico mundial em vários sentidos. Seria a primeira tentativa mais sólida de sair do regime capitalista e tentar um sistema econômico inédito na era moderna na história da humanidade. O local em que isso aconteceu também foi um fator importante em si. O Império Russo (e a Rússia) era o maior país do mundo, com a URSS ocupando sozinha um sexto da superfície da Terra. A mera gigantesca extensão geográfica (e mais sua distribuição no sentido leste-oeste) fazia com que houvesse uma inigualável riqueza mineral, contendo todo tipo de metal útil e precioso, madeira, petróleo, gás, etc. Essa riqueza mineral garantiu a sobrevivência da URSS em suas fases mais difíceis (como a Guerra Civil, Segunda Guerra Mundial e a depressão dos anos 1990). Se a primeira experiência socialista na Terra, ainda mais ocorrendo em um país isolado, tivesse acontecido em uma nação menor, menos dotada de recursos (tipo Cuba, por exemplo), talvez ela não tivesse resistido às imensas dificuldades iniciais enfrentadas (guerra civil, intervenção estrangeira por 14 países, etc.).

Além do tamanho em si, a Rússia tem um fator específico extra a complicar a situação para um desenvolvimento socialista harmônico. O fato de ela constituir um Estado *multinacional*. Ao contrário dos Estados-nação do Ocidente, onde a nacionalidade de uma pessoa é definida pelo princípio jurídico do *jus soli* (“direito do solo”) pelo qual qualquer pessoa nascida no Brasil é, de primeira geração, brasileiro, na Rússia (e países eslavos em geral) a nacionalidade de uma pessoa é definida pelo *jus sanguinis*

(“direito do sangue”). Neste caso, a nacionalidade de uma pessoa não tem nada a ver com o local onde ela nasce e sim é determinada pela nacionalidade do pai ou da mãe. Isso gera um Estado que contém em si dezenas de *nações* (nacionalidades, etnias) diferentes. Na língua russa existem dois termos para traduzir a palavra “russo”: *russkii* e *rossiyanin*. *Rossiyanin* é qualquer pessoa que nasce na Rússia. *Russkii* é o “russo étnico” (filho de pai ou mãe russa). Assim, um checheno é um *rossiyanin*, mas não é um *russkii*. Ou seja, o *jus sanguinis* eterniza as diferenças étnicas (de nacionalidades, nações diferentes que continuam a existir) dentro de um mesmo país. A Rússia atual tem mais de cem nacionalidades diferentes convivendo dentro dela.

É conhecido o debate entre Lenin e Rosa Luxemburgo a respeito da questão nacional (das nacionalidades dentro de uma Rússia multinacional). Luxemburgo dizia que os marxistas deveriam se concentrar na questão de classe e não incentivarem o desenvolvimento da questão nacional (ainda mais dentro de um país multinacional, onde isso poderia levar a tensões entre essas nacionalidades). Já Lenin, que considerava o Império Russo a “prisão de povos”, achava que uma atuação dos marxistas dentro da questão nacional visando aplainar as tensões interétnicas (de um ponto de vista classista) entre as diferentes nacionalidades, em especial combatendo o chauvinismo grão-russo, poderia levar a uma melhor convivência entre as nações daquele país multinacional. A desintegração da União Soviética em linhas nacionais (a Rússia para os russos, a Geórgia para os georgianos, etc.), além de várias tensões interétnicas que sobreviveram ao longo da existência da URSS, pode ter dado razão a Luxemburgo nesse ponto.

Finalmente, havia a discussão entre os marxistas, se a Rússia estava madura para a revolução socialista. Era uma visão

comum entre os marxistas da época que a revolução socialista deveria ocorrer em um país de capitalismo avançado, onde o capitalismo se desenvolveria muito, mas com tantas contradições internas, que, em algum momento, seria necessário dar um pulo à produção socialista planejada para evitar as crises periódicas de superprodução. Entretanto, a Rússia não era colocada entre os países mais avançados da época. Por outro lado, também não era dos países mais atrasados. Até devido ao seu tamanho gigantesco, em 1913 (último ano de paz antes da guerra mundial) a Rússia já tinha a quinta produção industrial bruta do mundo (atrás de EUA, Alemanha, Reino Unido e França). (Gregory, 2004, p. 4) E convém lembrar que a servidão na Rússia já tinha sido abolida desde 1861 (em resposta àqueles que, erroneamente, consideram que a Rússia era “semifeudal” em 1917). Assim, a Revolução socialista acabou ocorrendo em um país que não era nem dos mais adiantados nem dos mais atrasados. Com o tempo, para explicar este fenômeno, surgiu nos círculos marxistas a “teoria do elo mais fraco” pela qual a revolução socialista ocorreria não onde o capitalismo era mais desenvolvido (pois aí ele era mais “forte”, podia “comprar” a classe operária com salários mais altos, desviando-a do caminho da revolução para o mero sindicalismo) nem onde o capitalismo era miserável (pois aí fica até difícil organizar os trabalhadores e qualquer greve encontra desempregados desesperados dispostos a tomar o lugar dos grevistas). Ela ocorreria no país mais cheio de “contradições” internas. E a Rússia czarista era um poço de contradições, com um desenvolvimento econômico dinâmico, mas um sistema político atrasado; com uma burguesia politicamente fraca, mas um operariado organizado em um nível bastante revolucionário. Independentemente, do que levou a isso, a Rússia de 1917 se encontrou nas mãos de um governo revolucionário socialista. Que consequências adviriam daí?

### *Fases da história da URSS*

Com visão retrospectiva, de um ponto de vista histórico e da economia política, podemos discernir três grandes épocas na história da União Soviética.

1) Período da Guerra Civil (“comunismo de guerra”) de 1917/18 a 1921.

2) Período da NEP (“Nova Política Econômica”) de 1921 a 1928.

3) Período dos Planos Quinquenais (de 1928 a 1991)

Veremos cada um desses períodos nos próximos capítulos.

### *Excursão preambular*

Antes de analisarmos as diferentes fases da existência da URSS, como prometemos acima, talvez seja importante dizer algumas palavras introdutórias sobre os antecedentes históricos do país, isto é, os regimes que o precederam. Essas raízes históricas são importantes de serem vistas, pois alguns autores dizem que características da Rússia no passado afetaram fortemente o funcionamento da União Soviética posteriormente.

Se formos dividir a história anterior à URSS da Rússia, podemos discernir três grandes fases históricas:

-> O Estado Kievano (ou *Rus'*) dos séculos IX-XIII

-> O período do domínio mongol (sécs. XIII-XV)

-> O período czarista (sécs. XV-XX)

A origem da civilização russa não está na Rússia atual e sim na Ucrânia atual. Foi o chamado Estado Kievano (ou *Rus'*) que existiu dos séculos IX ao XII (ou início do XIII, dependendo da forma de analisar o processo de sua desintegração final). Naquela época, não havia ainda a distinção entre russos, ucranianos e bielorrussos: formavam todos o mesmo ramo dos eslavos orientais da região. A distinção entre os três povos citados se iniciaria ao longo do período posterior, que foi o do domínio mongol sobre *Rus'*, nos séculos XIII-XV. O Estado Kievano era uma confederação frouxa de cidades-Estado com vassalagem ao *Velikii Knyaz* (literalmente “Grão-Príncipe”) de Kiev. Era relativamente florescente, não estando atrás da Europa Ocidental, já que toda a Europa era relativamente atrasada naquela época de virada de milênio em que os Estados realmente mais avançados eram a China Song e o Califado Abássida. Entretanto, militarmente não foi capaz de garantir sua sobrevivência. Uma das razões mais importante disso foi o fato de ele ser um Estado descentralizado, desunido, uma mera confederação frouxa cujos príncipes nem sempre se uniam contra inimigos comuns e frequentemente brigavam entre si pelo “prêmio” da posição de *Velikii Knyaz* em Kiev.

Este fato marcaria a psique social russa no futuro. O contraste entre a experiência do Estado Kievano (florescente, mas que tinha sido conquistado por ser desunido, descentralizado) e o Estado Moscovita (czarista) posterior ao domínio mongol que, por ser um Estado *centralizado* e forte, não só expulsou os invasores mas também construiu um grande império, fortaleceria nos russos o conceito de *gosudarstvennost'* (literalmente “Estadismo”), ou seja, a convicção que é com um Estado *centralizado* e forte que a sociedade russa floresce melhor.

Essa é uma experiência bem diferente da Europa Ocidental, onde o *liberalismo* (ou seja, Estado mais fraco e indivíduo mais forte) ganharia muita força. Isso é devido à experiência histórica diferente entre Rússia e Europa Ocidental com tarefas diferentes resolvidas de maneiras diversas. O liberalismo político nasceu na Inglaterra, no século XVII, com a Revolução Gloriosa. Qual era o problema da Inglaterra até ali? Eram os incessantes conflitos e guerras civis, muitos de fundo religioso, que dilaceravam o país. Um grupo chegava ao poder e impunha sua religião aos outros. Como isso foi resolvido? Com o liberalismo, diminuindo a esfera de ação do Estado e aumentando a do indivíduo. Agora, o Estado não deveria impor mais sua religião aos indivíduos e a questão religiosa seria um direito particular do indivíduo onde o Estado não deveria se meter. Foi com o liberalismo que a Inglaterra resolveu o seu problema.

Já os russos tiveram uma experiência histórica diferente (o contraste entre o Estado Kievano e o posterior Estado baseado em Moscou) e muitos concluíram que foi com um Estado centralizado e forte que a Rússia (a sociedade russa) prosperou melhor. E essa experiência histórica marcante de séculos seria reforçada no período pós-soviético! Na Federação Russa dos anos 1990 (de depressão econômica), o presidente Boris Yeltsin dava muita liberdade aos governadores regionais na ponta (em troca de apoio a si no governo central), mas isso criou muitas tendências centrífugas que ameaçavam dilacerar o país em suas regiões (a maior delas foi a da Chechênia, que chegou a declarar independência em meados dos anos 1990). Em contraste, Vladimir Putin assumiu o poder nos primeiros anos da década de 2000 recentralizando (algo autoritariamente, segundo alguns) o poder estatal, o que levou a uma estabilização das tendências centrífugas no país. Combinado com

o contraste entre a depressão econômica na década de 1990 sob Yeltsin e a aceleração econômica na primeira década de 2000 sob Putin, isso fez com que muitos russos vissem reforçada a visão de que é com um Estado centralizado que a Rússia prospera melhor.

*Rus'* (o Estado Kievano) se cristianizou no século X (988), mais ligada à Bizâncio. Assim, após o Grande Cisma (1054) com a Igreja de Roma, Moscou ficou-se como um dos grandes centros da civilização ortodoxa pelo mundo (papel que se fortaleceu mais ainda após a conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos em 1453).

Entre os séculos XIII e XV, *Rus'* (assim como muitas partes da Eurásia, da China à parte oriental da Europa) caiu sob o domínio dos mongóis. O Império Mongol (com seus cerca de 25 milhões de km<sup>2</sup>) foi o maior império contíguo da história e o segundo maior em geral, perdendo apenas para o ultramarino Império Britânico (c. 35 milhões km<sup>2</sup>). A influência do domínio mongol sobre a Rússia é objeto de controvérsias históricas. A escola soviética e a maioria das interpretações ocidentais vê o domínio mongol como basicamente negativo pela estratégia dos mongóis de usar destruição “terra arrasada” contra as cidades que não se rendiam imediatamente e cortar o contato da Rússia com o Ocidente (possivelmente assim impedindo a Rússia de passar por uma Renascença como a da Europa Ocidental). O período mongol seria, assim, similar às antigas visões estereotipadas da Idade Média como uma Idade das Trevas, em que o esplendor da Idade Antiga greco-romana hibernou por dez séculos para somente despertar novamente com a Renascença e a Idade Moderna. Entretanto, a escola dos chamados *eurasianistas* vê a época mongol como positiva. Dizem que os russos modernos são uma mistura do elemento eslavo europeu com o elemento turco-mongólico

asiático e é exatamente esta mescla que dá energia aos russos. Os antigos eslavos de *Rus'* eram desunidos e por isso estavam fadados a serem conquistados. Foram os mongóis que “uniram” os desunidos eslavos, criando o novo tipo do grão-russo do Estado Moscovita posterior, muito mais adaptado para a sobrevivência e grandeza.

Durante o domínio mongol, os eslavos orientais originais de *Rus'* foram se dividindo gradualmente nos chamados grão-russos (os russos atuais), pequeno russos (os ucranianos atuais) e os russos brancos (os bielorrussos atuais). Após o final do domínio mongol, os destinos desses três ramos foi bem diferente. Ivan III, o Grande, príncipe de Moscou derrotou definitivamente os mongóis em 1480, na batalha do rio Ugrá. A partir daí, os russos, baseados em Moscou, iniciariam a expansão de um grande império. Por outro lado, os ucranianos e bielorrussos ficariam espalhados entre vários Estados e Impérios. Os ucranianos em diversas épocas estiveram espalhados entre o Império Russo, Polônia, Lituânia (posteriormente Comunidade Polaco-Lituana), Império Otomano e Império Austríaco. Discutivelmente, pode-se dizer que a Ucrânia somente se tornou um Estado independente e estável em 1991, com a dissolução da União Soviética.

A expansão do Império Russo se deu em várias etapas. Ivan IV, “o Terrível”, iniciou a expansão de Moscou para fora das terras tradicionalmente habitadas pelos eslavos ao atravessar o rio Volga e tomar o canado de Kazan em 1552. No século XVII, houve a expansão para a Sibéria e para o rio Dniepre. Na primeira metade do século XVIII, Pedro I, o Grande (r. 1682-1725), levou as fronteiras ao norte até o mar Báltico e, na segunda metade, Catarina II, a Grande (r. 1762-1796) conquistou a Crimeia ao sul, alcançando o mar Negro. No século XIX, foi incorporada a Ásia

Central e a Geórgia. Polônia e Finlândia também fariam parte do Império Russo por um tempo.

Podemos distinguir alguns pontos de viragem na história da Rússia.

O primeiro ponto de viragem foi o governo do czar Ivan IV, o Terrível (r. 1533-1584). Não só foi o início da construção do Império Russo para fora das terras tradicionalmente dos russos, como mencionamos anteriormente, mas também foi o ponto que marcou a instauração definitiva, a ferro e fogo (Ivan matou muita gente) da monarquia absolutista na Rússia. Como vimos, o Estado Kievano anterior não era centralizado nem uma monarquia absolutista. Aquela confederação frouxa de cidades-Estado tinha mais características de aristocracia (com seus numerosos príncipes governando quase que independentemente em suas localidades e dividindo o poder com seus nobres, chamados de *boiárdos*). Ivan IV, a ferro e fogo, “quebrou a espinha” do poder dos boiárdos e fixou uma monarquia absolutista para o resto da história da Rússia czarista (ou melhor, até 1905, quando a chamada *Revolução de 1905* forçou o czarismo a mudar de uma monarquia absolutista para uma monarquia constitucional).

Outro ponto de viragem foi o governo de Pedro I, o Grande (r. 1689-1725). Pedro realizou reformas modernizadoras radicais que tinham uma característica especial. Era uma modernização *ocidentalista*. Pedro tinha visitado *in loco* a Europa Ocidental e quis modernizar a “bárbara” Rússia utilizando o mesmo caminho da Europa. Trouxe técnicas e especialistas de lá, instaurou novas formas de administração na Rússia, desenvolveu o mercantilismo. Literalmente mudou a face da Rússia.

Quando Pedro morreu, a Rússia se dividiu entre aqueles que achavam que o que Pedro fez foi certo e os que achavam

que ele tinha se afastado e se alienado das maneiras tradicionais nativas da Rússia. Em cima dessa questão se formariam duas escolas de pensamento na Rússia no século XIX. Os *ocidentalistas* que, concordando com Pedro, achavam que a Rússia é europeia e deveria seguir o caminho da modernização ocidental. E os *eslavófilos*, defensores da posição que a Rússia não é nem Europa nem Ásia e sim uma civilização única que deve seguir seu caminho próprio, sem copiar ninguém. Aliás, sobre essa questão se a Rússia é europeia ou asiática — mais de 75% do território da Rússia está na Ásia, mas mais de 75% de sua população vive na parte europeia da Rússia, que é densamente povoada — na primeira metade do século XX apareceu uma terceira escola de pensamento: os *eurasianistas*. Os eurasianistas acham que os russos e a Rússia são uma mistura do princípio eslavo europeu com o princípio turco-mongólico asiático e é exatamente esta mistura de Europa e Ásia que dá uma força especial à Rússia. Sobre esta questão da identidade russa entre Europa e Ásia não há consenso no país e as discussões entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas continuam até hoje, influenciando tanto a política interna quanto a política externa do país em sua relação com Ocidente e Oriente. (Segrillo, 2016)

Foi com essa modernização ocidentalista (impulsionada mais ainda no reinado de Catarina II, a Grande, em 1762-1796) que a Rússia chegou ao auge de seu prestígio em 1815, quando foi a principal força por trás da derrota de Napoleão. O fato de ter derrotado o “herege” Napoleão (que tinha dominado muitas casas monárquicas europeias), trouxe um enorme prestígio à Rússia. Ali foi seu auge. E naquele momento a Rússia realmente não estava muito atrás da Europa em termos de modernização. A maioria dos países da Europa (incluindo a Rússia) estava ainda no estágio da

*manufatura*, o que mais ou menos os equiparava. É verdade que a Inglaterra desde o final do século XVIII estava começando a entrar na era da Revolução Industrial, mas ainda se encontrava na primeira fase da Revolução Industrial, a fase da indústria leve (principalmente têxteis) e isso ainda não a colocava claramente “em outro patamar” (para usar uma gíria futebolística) em relação aos outros países.

Mencionamos isso, pois a Rússia irá “sufar” nas glórias de 1815 por muito tempo, imaginando que ainda ficaria *pari passu* com a Europa por um longo período. A guerra da Crimeia (16 out. 1853-30 mar. 1856) seria um choque que a acordaria rudemente dessa ilusão. A guerra da Crimeia foi um conflito entre os Impérios Otomano e Russo, sendo que Inglaterra e França tomaram o lado do Império Otomano. E na guerra, ficou claro que os armamentos e meios de transporte da Inglaterra e França estavam “em outro patamar” em relação à Rússia, pois Inglaterra e França já tinham entrado na segunda fase da Revolução Industrial (a fase da indústria pesada) a partir do boom das ferrovias nas décadas de 1930 e 1940.

Esse choque em ver a modernização ocidental muito à frente novamente levou a debates cruciais na Rússia. A maior questão era a abolição da servidão. Constatou-se que a Inglaterra e França estavam tão desenvolvidas por serem países capitalistas e de um capitalismo já industrial. A Rússia ainda era considerada “feudal”, pois havia servidão nela. Assim, depois de muitos debates e resistências, a servidão foi abolida na Rússia em 1861.

Como colocou Lenin em seu livro *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (de 1899), a abolição da servidão foi o grande *desideratum* para o desenvolvimento do capitalismo no país. A Rússia se desenvolveria rapidamente nas décadas seguintes

(especialmente a dos anos 1890, sob a batuta do “Delfim Neto” russo, o conde Witte), chegando a 1913 com a quinta produção industrial bruta do mundo. (Gregory, 2004, p. 4)

Entretanto, esse desenvolvimento econômico viria envolvido em muitas contradições, principalmente no campo político e social. Esse desenvolvimento com muitas contradições internas, em um período de conturbação internacional na Primeira Guerra Mundial, acabaria levando à eclosão da Revolução de 1917. É o que veremos no próximo capítulo.

## Período da Guerra Civil (“Comunismo de Guerra”), 1917/18-1921

A razão pela qual o czarismo foi derrubado em 1917 é motivo de muitas controvérsias acadêmicas. As teorias mais estruturais (por exemplo, o marxismo) enfatizam o acúmulo de problemas e contradições ao longo dos séculos no sistema czarista que representava um capitalismo misturado com elementos feudais e antiquados, possuía uma burguesia politicamente fraca e um proletariado desenvolvido revolucionariamente, uma economia capitalista dinâmica ao lado de um sistema político atrasado, e assim por diante. O resultado de todas essas contradições teria sido a explosão revolucionária de 1917. Trotsky (1978) enfatizava que o fato de o desenvolvimento russo ser impulsionado por duas grandes forças (o Estado regulador e o capital estrangeiro) fazia com que a burguesia russa fosse politicamente fraca. Por outro lado, a indústria que havia na Rússia (em grande parte ligada ao capital estrangeiro) era bastante concentrada em grandes fábricas com muitos operários. Essa concentração facilitava e incentivava (mais que em outros países, mesmo desenvolvidos e mais “normais”) o desenvolvimento revolucionário do proletariado do país, o que acabou desembocando na primeira revolução proletária do planeta.

Fora do marxismo, alguns autores ocidentais (como Richard Pipes, 1974) chamam a atenção para o patrimonialismo estrutural

que acompanhou o desenvolvimento russo na época moderna como um fator de atraso.

Por outro lado, há autores de uma corrente que é mais otimista em relação ao potencial de desenvolvimento modernizador czarista e enfatizam fatores *conjunturais* mais recentes para explicar a eclosão da Revolução em 1917. Segundo eles, desde a abolição da servidão em 1861, a Rússia entrara em um desenvolvimento capitalista bastante dinâmico que culminara com o fato de que em 1913 alcançara a quinta produção industrial bruta do mundo. (Gregory, 2004, p. 4) É verdade que o sistema político era mais atrasado, com um Estado semipolicial que aplicava censura política e assim por diante. Entretanto, esses autores relembram que, mesmo com dificuldades, o sistema político estava abrindo. Por exemplo, a Duma (Parlamento russo) mesmo com todas suas limitações, aceitava partidos políticos de diferentes matizes (inclusive os bolcheviques e mencheviques do Partido Operário Social-Democrata da Rússia). Ou seja, em 1913 a Rússia estaria no caminho da modernização, com a economia dinâmica e o sistema político aos poucos se abrindo. O que teria quebrado essa dinâmica favorável, segundo esses autores, seria uma circunstância conjuntural: a guerra. A Primeira Guerra Mundial teria virado o país de cabeça para baixo, interrompido a dinâmica favorável e criado tremendas instabilidades (ex., fome) que não conseguiram ser resolvidas pelos partidos moderados e acabaram encontrando uma solução radical na Revolução de Outubro pelos bolcheviques de Lenin.

Sejam lá quais foram as causas, o czarismo foi derrubado em 1917. A Revolução aconteceu em duas etapas: 1) a Revolução de Fevereiro; 2) a Revolução de Outubro. Na Revolução de Fevereiro o czarismo caiu e uma democracia multipartidária foi